

# Relação corpo-alma

**Gabriel Arruti Aragão Vieira**

Doutorando do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Unicamp

*E-mail:* gabriel\_arruti@hotmail.com

Recebido em: 06/06/2015.

Aprovado em: 16/03/2016.

**Resumo:** Este artigo apresenta a classificação das faculdades da alma, e seus critérios, na filosofia de Descartes. Tem-se como principal fonte primária a primeira parte das *Paixões da alma*, na qual as faculdades da alma, a saber, vontade, entendimento, imaginação e percepção sensível são descritas e divididas em subtipos. São utilizados três critérios para classificar os subtipos: o primeiro distingue os subtipos verificando se eles dependem ou não da vontade, o segundo os distingue verificando se a faculdade em questão depende ou não de uma disposição mecânica do corpo humano anterior à atualização do pensamento, e o terceiro verifica qual o mecanismo do corpo humano é correlato ao subtipo em questão.

**Palavras-chave:** Descartes. Faculdades da alma. Paixões. Corpo. Mecanismo.

## Body-soul relationship

**Abstract:** This article presents the classification of the soul's faculties, and their criteria in the philosophy of Descartes. This article's main source is the first part of the *Passions of the Soul*, in which the faculties of the soul, namely, will, understanding, imagination and sense perception are described and divided into subtypes. Three criteria are used to classify these subtypes: the first distinguishes subtypes checking if they are dependent or not on the will, the second distinguishes checking if the faculty in question depends or not on a previous mechanical disposition of the human body to actualize thinking, and the third verifies which body's mechanism is correlated to the subtype in question.

**Keywords:** Descartes. Soul's faculties. Passions. Body. Mechanism.

Nas Paixões da alma, quatro faculdades do pensamento, a saber, vontade, entendimento, imaginação e percepção sensível, são classificadas e descritas em subtipos a partir de três critérios: o primeiro critério distingue os subtipos verificando se eles dependem ou não da vontade, o segundo critério os distingue verificando, se a faculdade em questão depende ou não de uma disposição mecânica do corpo humano anterior à atualização do pensamento e o terceiro critério verifica qual o mecanismo do corpo humano é correlato ao subtipo em questão. Estes critérios não são excludentes, ou seja, há subtipos que dependem apenas da vontade para serem atualizados como pensamento, há subtipos que prescindem totalmente da vontade e dependem apenas da disposição mecânica do corpo humano para serem atualizados como pensamento, há subtipos que dependem de ambos e, todos eles, ao serem atualizados como pensamentos, geram um movimento mecânico correlato no corpo. O presente artigo, portanto, dispõe esta classificação das quatro faculdades em seus subtipos com o objetivo de estabelecer a precisão conceitual necessária para descrever a estrutura da relação corpo-*alma*. A classificação dos subtipos, aos quais as faculdades da *alma* pertencem, tem como ponto de partida a divisão dos pensamentos em dois gêneros principais: as vontades da *alma*, que são as suas ações, e as paixões da *alma*, que são suas percepções. As ações parecem ter sua origem na própria *alma* e as percepções, por sua vez, são todos os conhecimentos que acometem a *alma*. Esta divisão é feita pela verificação da origem dos pensamentos, sendo que uns são produzidos pela própria *alma*, as vontades ou ações, e os outros chegam a ela como que advindos de outras origens ou como consequências das ações da própria *alma*, paixões ou percepções. Esta divisão está disposta no artigo 17 das Paixões da *alma*, o qual é intitulado “Quais são as funções da *alma*”<sup>1</sup>:

Depois de ter assim considerado todas funções que pertencem somente ao corpo, é fácil reconhecer que nada resta em nós que devemos atribuir à nossa *alma*, exceto nossos pensamentos, que são de dois gêneros, a saber: uns são as ações da *alma*, outros são as suas paixões. Aquelas que chamo de suas ações são todas as nossas vontades, porque sentimos que vêm diretamente da *alma* e parecem depender apenas dela; do mesmo modo, ao contrário, pode-se em geral chamar suas paixões toda espécie de percepções ou conhecimentos existentes em nós, porque

---

muitas vezes não é nossa alma que os faz tais como são, e porque sempre os recebe das coisas por elas representadas<sup>2</sup>.

As funções que dependem somente do corpo referidas nesta citação são todos os movimentos involuntários realizados pelo corpo, ou seja, todos os movimentos que acontecem sem que haja um comando direto da alma. Dentre eles estão os batimentos cardíacos, o modo como os objetos de fora atuam sobre os órgãos dos sentidos, os reflexos musculares, digestão dos alimentos e outros. O corpo é descrito por Descartes, nos artigos anteriores ao 17, como uma máquina mecânica de cujo funcionamento depende apenas da disposição dos seus órgãos. A independência do funcionamento do corpo em relação à alma é apresentada no artigo 6, intitulado “que diferença há entre um corpo vivo e um corpo morto”<sup>3</sup>, o qual tem o objetivo de explicar porque é um erro que a alma dá movimento e calor ao corpo:

A fim de evitar, portanto, esse erro, consideramos que a morte nunca sobrevém por culpa da alma, mas somente porque algumas das principais partes do corpo se corrompe; e julgemos que o corpo de um homem vivo difere do de um morto como um relógio, ou outro autômato (isto é, outra máquina mecânica que se mova por si mesma), quando está montado e tem em si o princípio corporal dos movimentos para os quais foi instituído, com tudo o que se requer para sua ação, difere do mesmo relógio, ou de outra máquina, quando está quebrado e o princípio do seu movimento para de agir<sup>4</sup>.

Pode-se concluir a partir desta citação que, para Descartes, o homem morre por um mau funcionamento do mecanismo composto pela disposição dos seus órgãos, mecanismo este que não depende da alma para funcionar, pois, se não é por culpa da alma que um corpo morre, logo não é por causa dela, por sua vez, que permanecem em movimento as funções que mantêm o corpo vivo. Tendo em vista que o corpo tem seu funcionamento independente da alma, resta como função da alma o pensamento, que não é corpóreo. Além das funções do corpo que não dependem da alma e das funções da alma que não dependem do corpo, há aquelas funções que dependem da interação entre eles. As funções que dependem

da interação são abordadas na classificação das funções da alma, a qual este trabalho retoma a partir deste ponto.

Os pensamentos que são funções da alma são divididos em dois gêneros: vontade, ou ação; paixão, ou percepção. Após estabelecer esta divisão principal, Descartes passa a subdividir estes dois gêneros, iniciando pelas vontades. As vontades são subdivididas em duas espécies: ações da alma que tem como objeto algo que não é material; e as ações da alma que tem como objeto o movimento do corpo ao qual ela está unido. Esta subdivisão é descrita no artigo 18:

Nossas vontades são, novamente, de duas espécies; pois umas são ações da alma que terminam na própria alma, como quando queremos amar a Deus ou, em geral, aplicar nosso pensamento a qualquer objeto que não é material; as outras são ações que terminam no nosso corpo, como quando, pelo simples fato de termos vontade de passear, resulta que nossas pernas se mexam e nós caminhemos<sup>5</sup>.

A primeira espécie de vontade, ou seja, a que têm como objeto algo não material, pode ser de dois subtipos. O primeiro trata da vontade pura e simples, como no exemplo dado nesta citação, basta querer amar a Deus para amá-lo de fato. O segundo subtipo, entendimento, é relativo a vontade guiada pelo critério de clareza e distinção, ou seja, quando a alma quer tomar o pensamento como objeto tendo a razão como guia, como ocorre nos conhecimentos matemáticos da Aritmética e da Geometria, este segundo subtipo é o entendimento.

A segunda espécie de vontade, a saber, aquela que dá um comando ao corpo, é uma faculdade que depende do fato de a alma estar unida ao corpo e se relacionar com ele. Ainda que haja uma explicação dos movimentos mecânicos que implicam o cumprimento da vontade da alma pelo corpo, a alma é imaterial, logo não pode ser ela a causa mecânica deste movimento, pois ela não tem extensão. Deste modo, o correlato mecânico ocorre simultaneamente ao comando da vontade sem que haja uma conexão causal eficiente, mecânica, por contato corpóreo. Isto ocorre, portanto, “pelo simples fato de termos vontade”<sup>6</sup>.

Tendo em vista o fato de que a classificação das percepções depende do modo como funcionam os mecanismos corpóreos

correlatos ao surgimento destes pensamentos na alma, e o fato de que a explicação do mecanismo correlato ao comando da vontade sobre o corpo complementa a explicação do mecanismo correlato à percepção, o presente trabalho segue descrevendo ambos para, na sequência, continuar a classificação das funções da alma.

A alma está unida a todas as partes do corpo conjuntamente, no entanto, os movimentos mecânicos que ocorrem no corpo de modo simultâneo à vontade da alma de movê-lo dependem especificamente do cérebro, da glândula pineal e dos espíritos animais. Esta relação específica com o cérebro, a glândula e os espíritos animais mostra que a influência da vontade da alma sobre o corpo é possibilitada por este movimento corpóreo correlato e é, também, limitada pelo mesmo mecanismo. Os espíritos animais são as partes do sangue mais sutis, ou menores, que são separadas das partes maiores e mais grosseiras do sangue quando ele entra no cérebro vindo do coração, pois as partes mais sutis do sangue são capazes, por serem menores, de entrar nas pequenas cavidades presentes no cérebro. Quando a alma tem a vontade de mover o corpo, ocorre um movimento simultâneo a este pensamento no corpo, mais especificamente na glândula pineal. A glândula pineal situa-se no meio do cérebro e, por estar nesta posição, Descartes entende que ela pode direcionar os espíritos animais para os nervos que têm, atados às suas extremidades, os músculos responsáveis pela realização do movimento desejado pela alma. Qualquer defeito existente neste mecanismo, como o rompimento de um nervo ou o rompimento de um tendão que une um músculo, fundamental para o movimento desejado, a um osso de um determinado membro do corpo, frustra a vontade da alma de realizar este movimento no corpo. A alma, obviamente, também não pode realizar movimentos para os quais o corpo não possui o aparato mecânico necessário. Como exemplo exagerado, pode-se constatar que, se a alma quisesse que o corpo balançasse os braços e voasse, isso não aconteceria. Em suma, o movimento mecânico do corpo que ocorre simultaneamente à vontade da alma é o movimento da glândula pineal que direciona os espíritos animais, o que torna a influência da alma sobre o corpo bastante limitada.

A glândula pineal modifica o curso dos espíritos animais quando a alma quer mover o corpo e é afetada, reciprocamente, pelo curso dos espíritos animais que não tem a vontade da alma como correlatos. Quando os objetos dos sentidos movimentam os órgãos

dos sentidos e esses órgãos empurram os espíritos animais pelos nervos até o cérebro, os espíritos animais imprimem nas cavidades cerebrais ranhuras que condicionam os movimentos dos espíritos animais no cérebro proporcionando um movimento específico na glândula pineal, o qual tem um correlato simultâneo na alma, as percepções<sup>7</sup>.

Finalizando a classificação dos pensamentos que dependem da vontade da alma, deve-se tratar das percepções que têm influência da vontade, para seguir classificando as outras percepções. Estas formas de percepções que dependem da vontade são apresentados nos Artigos 19 e 20:

Nossas percepções também são de duas espécies; umas têm a alma como causa, outras o corpo. As que têm a alma como causa são as percepções de nossas vontades e de todas as imaginações ou outros pensamentos que dela dependem; pois é certo que não poderíamos querer qualquer coisa que não percebêssemos pelo mesmo meio que a queremos; e, embora com repeito à nossa alma seja uma ação o querer alguma coisa, pode-se dizer que é também nela uma paixão o perceber que ele quer; todavia, dado que essa percepção e essa vontade são efetivamente uma mesma coisa, a sua denominação faz-se sempre pelo que é mais nobre, e por isso não se costuma chamá-la de paixão, mas apenas de ação<sup>8</sup>.

O artigo 19 classifica as percepções das ações da alma no gênero das vontades da alma e não das percepções. O artigo 20 trata das imaginações voluntárias, ou composições e do entendimento:

Quando nossa alma se aplica a imaginar alguma coisa que não existe, como a representar um palácio encantado ou uma quimera, e também quando se aplica a considerar algo que é somente inteligível e não imaginável, por exemplo, a sua própria natureza, as percepções que tem dessas coisas dependem principalmente da vontade que leva a percebê-las; eis por que se costuma considerá-las como ações mais do que como paixões<sup>9</sup>.

As percepções das ações não parecem depender de forma alguma do corpo, pois são ações que começam e terminam na própria alma, no entanto, essas ações promovem um determinado movimento na glândula pineal que direciona os espíritos animais de

modo que eles produzem um registro nas ranhuras das cavidades cerebrais, ou seja, ainda que estas ações não dependam do corpo, elas produzem movimentos mecânicos correlatos no corpo. Tanto os registros cerebrais das ações da alma quanto o das percepções dos objetos sensíveis podem ser acessados voluntariamente pela alma e isso é feito de dois modos distintos: no primeiro modo, a alma quer acessar esses registros somente para lembrar o que ocorreu no passado; no segundo modo, a alma quer utilizar as percepções sensíveis que ocorreram no passado para compor objetos imaginários fictícios.

A vontade também pode direcionar os espíritos animais buscando acesso aos registros cerebrais das percepções sensíveis como é o caso das imaginações fictícias voluntárias, quando a vontade compõe uma nova percepção a partir de partes de percepções já vividas. O caso da memória voluntária de uma percepção sensível cotidiana ou de um raciocínio também ocorre quando a vontade direciona os espíritos para ter acesso aos registros cerebrais, como é descrito no artigo 42<sup>10</sup>. Estas percepções que dependem da vontade são consideradas ações da alma e não percepções no sentido próprio, sendo assim, fazem parte do gênero das vontades da alma.

O gênero das percepções, por sua vez, é dividido em três espécies: as percepções que dependem da presença imediata do objeto percebido, as percepções que não dependem da presença do objeto percebido, e as percepções que são sentidas como que diretamente na alma. As percepções que não dependem da presença do objeto percebido são chamadas de imaginações involuntárias, as quais são descritas no artigo 21<sup>11</sup>.

Este artigo coloca uma diferença entre os movimentos mecânicos do corpo correlatos às percepções que dependem da presença do objeto percebido e as que não dependem. As percepções que não dependem da presença do objeto percebido têm como movimento correlato o curso fortuito dos espíritos animais nas cavidades cerebrais. Sendo assim, elas são o ajuntamento aleatório de percepções do passado registradas nas cavidades cerebrais, dentre elas estão os devaneios e os sonhos. As percepções que dependem da presença do objeto percebido, por sua vez, dependem dos movimentos dos nervos e são de dois subtipos distintos como é indicado no artigo 21: as percepções dos objetos que existem fora do corpo; e as percepções que têm o próprio corpo de quem percebe como objeto. As percepções que tem dos objetos que existem fora do corpo são

apresentadas no artigo 23<sup>12</sup>. As percepções que tem o próprio corpo de quem percebe como objeto são apresentadas no artigo 24<sup>13</sup>.

As imaginações apresentadas no artigo 21, os sonhos e devaneios, são descritas neste artigo como mais fracas que as percepções que dependem dos nervos, a saber, as percepções dos objetos dos sentidos e as afecções do corpo. No artigo 26, por sua vez, considera-se as ocasiões nas quais não é possível distinguir tão facilmente os devaneios e sonhos das percepções dos objetos dos sentidos e afecções do corpo, pois o que se apresenta a alma nos sonhos são as mesmas percepções que advêm dos nervos e, por vezes, estas percepções são tão vívidas quando as afecções do corpo e as percepções dos objetos dos sentidos.

Resta notar aqui que exatamente as mesmas coisas que a alma percebe por intermédio dos nervos lhe podem ser também representadas pelo curso fortuito dos espíritos, sem que haja outra diferença exceto que as impressões vindas ao cérebro por meio dos nervos costumam ser mais vivas e mais expressas do que as excitadas nele pelos espíritos; o que me levou a dizer no art. 21 que as últimas são como a sombra e a pintura das outras. É preciso também notar que ocorre algumas vezes ser essa pintura tão semelhante à coisa representada, que podemos enganar-nos no tocante as percepções que se relacionam a algumas partes do corpo, mas não no tocante às paixões, porquanto são tão próximas e tão interiores a nossa alma que lhe é impossível senti-las sem que sejam verdadeiramente tais como ela as sente. Assim, muitas vezes quando dormimos, e mesmo algumas vezes estando acordados, imaginamos tão fortemente certas coisas que pensamos vê-las diante de nós, ou senti-las no corpo, embora aí não estejam de modo algum; mas, ainda que estejamos adormecidos e sonhemos, não podemos sentir-nos tristes ou comovidos por qualquer paixão, sem que na verdade a alma tenha em si esta paixão<sup>14</sup>.

As paixões referidas no artigo 26 são a terceira espécie de percepção que não depende da alma, a saber, aquelas que são sentidas como que na alma. Este tipo de percepção é o que define o sentido próprio de paixão da alma, considerando que qualquer percepção é também chamada de paixão utilizando o termo de um modo mais geral. Estas paixões são as emoções, a exemplo da alegria, tristeza, raiva, medo e outras. Elas, ainda que tenham um mecanismo



corpóreo como causa, são sentidas como se estivessem afetando diretamente a alma, pois têm influência evidente nas vontades da alma. As paixões da alma são apresentadas no artigo 25<sup>15</sup>.

Estas paixões possuem mecanismos correlatos mais complexos que os movimentos fortuitos dos espíritos animais, causadores dos sonhos e devaneios, e que o mecanismo que depende dos nervos, causadores das percepções dos objetos dos sentidos e das afecções do corpo. Cada paixão ocorre devido a um mecanismo corporal específico, no entanto, todas elas têm em comum uma influência diferenciada nas vontades da alma por conta do fato de seu mecanismo afetar especialmente a glândula pineal. Este mecanismo é descrito no artigo 36<sup>16</sup>. Este artigo descreve um mecanismo retroativo que mantém a paixão ativa, mais especificamente, a paixão do medo, mas este mecanismo é similar para as outras paixões. A partir do momento em que a paixão é excitada por uma situação específica, o cérebro envia espíritos animais ao coração que, a partir de um movimento particular de seus orifícios, rarefaz o sangue de modo que ele se torna rico em um determinado tipo de espírito animal, o qual, ao chegar ao cérebro, atinge a glândula pineal de tal maneira que ela é acometida novamente pela mesma paixão, o que faz esta glândula direcionar mais uma vez os espíritos animais para o coração, recomeçando todo o processo. Este processo retroativo explica, segundo Descartes, porque após uma situação perigosa, a pessoa acometida pelo medo continua com esta paixão por um tempo, ainda que a situação de perigo tenha acabado. As paixões, diferentemente das outras percepções, duram um período mais longo de tempo, por conta da retroatividade do seu mecanismo característico.

A alma e o corpo podem ser rivais em certas situações, mas apenas um deles prevalece na sua influência sobre as vontades da alma. A vontade da alma pode inclinar o corpo a agir de uma determinada maneira e uma paixão influenciar a alma a querer algo incompatível com a vontade inicial.<sup>17</sup> Este conflito é descrito pelo artigo 47<sup>18</sup>.

Retomando, o gênero das percepções é dividido em três espécies: as percepções que dependem da presença imediata do objeto percebido; as percepções que não dependem da presença do objeto percebido; e as percepções que são sentidas como que diretamente na alma, pois afetam as vontades da alma. As percepções que dependem da presença do objeto percebido têm como movimento

mecânico correlato o curso dos espíritos animais das extremidades dos nervos até o cérebro e são divididas em dois subtipos distintos: as afecções do corpo, as quais se caracterizam como percepções que advêm do interior do corpo de quem percebe; e as percepções dos objetos sentidos, as quais se caracterizam por terem seu movimento causado por um objeto externo em relação ao corpo de quem percebe. As percepções que não dependem do objeto percebido têm como movimento mecânico correlato o curso fortuito dos espíritos animais no cérebro e são divididas em dois subtipos distintos: os sonhos, que ocorrem durante o sono; e os devaneios, que ocorrem quando se está acordado e distraído. As percepções que afetam diretamente a alma são as paixões da alma no sentido próprio e se caracterizam por durar mais tempo que as outras percepções, devido ao seu mecanismo retroativo que envolve o curso dos espíritos animais do cérebro para o coração e do coração para o cérebro de modo sucessivo, impelindo a alma a ter uma determinada vontade.

Os pensamentos classificados no gênero da vontade são de duas espécies: os pensamentos que têm objetos imateriais; e os pensamentos que têm objetos materiais. Os pensamentos do gênero da vontade que têm objetos imateriais são divididos em dois subtipos: a vontade pura, como quando se escolhe amar a Deus ou crer em qualquer coisa que não possua uma prova racional; e o entendimento, o qual se caracteriza como um pensamento que toma a si mesmo como objeto utilizando o critério de clareza e distinção para avaliar suas conclusões. Os pensamentos do gênero da vontade que têm objetos materiais são divididos em dois subtipos: a vontade direcionada ao movimento dos músculos, que tem como resultado as ações cotidianas em geral como caminhar, levantar, abaixar, escrever, comer e outras semelhantes; e a vontade que busca o acesso aos registros cerebrais, tanto das percepções sensíveis, quanto das ações da própria alma. Este é o caso da memória voluntária de uma percepção sensível cotidiana ou de um raciocínio, e o caso das imaginações fictícias voluntária, quando a vontade compõe e uma nova percepção a partir de partes de percepções já vividas.

A partir desta classificação, fica evidente o controle limitado da alma sobre o corpo, o que justifica a interpretação de Arnauld, qual seja, de que as percepções sensíveis e a imaginação são provocadas pela relação corpo-alma e esta relação tem como consequência a produção de concepções confusas, sem clareza e distinção, as quais

atrapalham o conhecimento da verdade pelo entendimento puro. A influência da alma sobre o corpo se dá pelo direcionamento dos espíritos animais feito pela glândula pineal, o que não é suficiente para tornar as imaginações e percepções sensíveis menos confusas, uma vez que os mecanismos corpóreos correlatos a estas percepções dependem apenas da disposição dos órgãos anterior à passagem dos espíritos animais pela glândula. As imaginações e percepções sensíveis dependem dos mecanismos do corpo dados pela disposição de seus órgão, a qual a alma não controla, o que torna impossível que elas sejam claras e distintas como as concepções do entendimento.

## Notas

1 AT XI, 342.

2 AT XI, 342.

3 AT XI, 330.

4 AT XI, 330-331.

5 AT XI, 342-343.

6 AT XI, 343.

7 “Concebamos, pois, que a alma tem sua sede principal na pequena glândula que existe no meio do cérebro, de onde irradia para todo o resto do corpo por intermédio dos espíritos, dos nervos e mesmo do sangue que, participando das impressões dos espíritos, pode levá-los pelas artérias a todos os membros; e, lembrando-nos do que já foi dito acima com respeito à máquina de nosso corpo, a saber, que os pequenos filetes de nossos nervos acham-se de tal modo distribuídos em todas as suas partes que, por ocasião dos diversos movimentos aí provocados pelos objetos sensíveis, abrem diversamente os poros do cérebro, o faz com que os espíritos animais contidos nessas cavidades entrem diversamente nos músculos, por meio dos quais podem mover os membros de todas as diversas maneiras que esses são capazes de ser movidos, e também que todas as outras causas que podem mover diversamente os espíritos, bastam para conduzi-los a diversos músculos; juntemos aqui que a pequena glândula, que é a principal sede da alma, está de tal forma suspensa entre as cavidades que contém esses espíritos, que pode ser movida por eles de tantos modos diversos quantas as diversidades sensíveis nos objetos; mas que pode também ser diversamente movida pela alma, a qual é de tal natureza que recebe em si tantas impressões diversas, isto é, que ela tem tantas percepções diversas quantos diferentes movimentos sobrevêm nessa glândula; como também, reciprocamente, a máquina do nosso corpo é de tal forma composta que, pelo simples fato de ser essa glândula diversamente movida pela alma ou por qualquer outra causa que possa existir, impele os espíritos animais que circundam para os poros do cérebro, que os conduzem pelos nervos aos músculos, mediante o quê ela os leva a mover os membros” (AT XI, 354-355).

8 AT XI, 343.

9 AT XI, 344.

10 “Assim, quando a alma quer lembrar-se de algo, essa vontade faz com que a

glândula, inclinando-se sucessivamente para diversos lados, impele os espíritos animais para diversos lugares no cérebro, até que encontre aquele onde estão os traços deixados pelo objeto de que queremos nos lembrar; pois esses traços não são outra coisa senão os poros do cérebro, por onde os espíritos tomaram anteriormente seu curso devido à presença desse objeto, e adquiriram, assim, maior facilidade que os outros, para serem de novo abertos da mesma maneira pelos espíritos que para eles se dirigem; de sorte que tais espíritos, encontrando esses poros, entram neles mais facilmente do que nos outros, excitando por esse meio, um movimento particular na glândula, que representa à alma o mesmo objeto e lhe faz saber que se trata daquele do qual queria lembrar-se” (AT XI, 360).

11 “Entre as percepções que são causadas pelo corpo, a maior parte depende dos nervos; mas há também algumas que deles não dependem e que se chamam imaginações, como essas de que acabo de falar, das quais não obstante, diferem pelo fato de nossa vontade não se empenhar em formá-las, o que faz com que não possam ser incluídas no número das ações da alma, e procedam apenas de que, sendo os espíritos diversamente agitados, e encontrando os traços de diversas impressões que precederam no cérebro, tomem aí seu curso fortuitamente por certos poros mais do que por outros. Tais são as ilusões de nossos sonhos e também os devaneios a que nos entregamos muitas vezes estando despertos, quando nosso pensamento erra negligentemente sem se aplicar por si mesmo a nada. Ora, ainda que algumas dessas imaginações sejam paixões da alma, tomando a palavra na sua mais própria e mais perfeita significação, e ainda que possam ser todas assim denominadas, se se tomar o termo em uma acepção mais geral, todavia, posto que não têm como causa tão notável e tão determinada como as percepções que a alma recebe por intermédio dos nervos e parecem ser apenas a sombra e a pintura destas, antes que as possamos distinguir bem, cumpre considerar a diferença que há entre estas outras” (AT XI, 344-345).

12 “As que referimos a coisas situadas fora de nós, a saber, aos objetos de nossos sentidos, são causadas, ao menos quando nossa opinião não é falsa, por objetos que, provocando alguns movimentos nos órgãos dos sentidos externos, os provocam também no cérebro por intermédio dos nervos, os quais levam a alma a senti-los. Assim, quando vemos a luz de um facho e ouvimos o som de um sino, esse som e essa luz são duas ações diversas que, somente por excitarem dois movimentos diversos em alguns de nossos nervos, e por meio deles no cérebro, dão a alma dois sentidos diferentes, os quais relacionamos de tal modo aos objetos que supomos serem causa, que pensamos ver o próprio facho e ouvir o próprio sino, e não sentir unicamente os movimentos que procedem deles” (AT XI, 346).

13 “As percepções que relacionamos com nosso corpo ou com qualquer das suas partes são as que temos da fome, da sede e de nossos demais apetites naturais, aos quais podemos juntar a dor, o calor e as outras afecções que sentimos como nos nossos membros, e não como os objetos que existem fora de nós: assim, podemos sentir ao mesmo tempo, e por intermédio dos mesmos nervos, a frieza da nossa mão e o calor da chama da qual ela se aproxima, ou então, ao contrário, o calor da mão e o frio do ar a que está exposta, sem que haja qualquer diferença entra as ações que nos fazem sentir o quente ou o frio que existe em nossa mão e as que nos fazem sentir aquele que está fora de nós, a não ser que, sucedendo uma dessas ações à outra, julgamos que a primeira já existe em nós e que a outra, a seguinte, não está ainda em nós, mas no objeto que a causa” (AT XI, 346-347).

14 AT XI, 348.

15 “As percepções que se referem somente à alma são aquelas cujos efeitos se sen-

- tem como na alma mesma e de que não se conhece comumente nenhuma causa próxima à qual possamos relacioná-las: tais são os sentidos de alegria, de cólera e outros semelhantes, que são, às vezes, excitados em nós pelos objetos que movem nossos nevos, e outras vezes também por outras causas. Ora, ainda que todas as nossas percepções, tanto as que aos objetos que estão fora de nós como as que se referem às diversas afecções de nosso corpo, sejam verdadeiramente paixões com respeito à nossa alma, quando tomamos esse termo em sua significação mais geral, todavia costuma-se restringi-lo a fim de designar somente as que se relacionam com a própria alma, e apenas essas últimas é que me propus explicar aqui sob o nome de paixões da alma” (AT XI, 347-348).
- 16 “E, além disso, se essa figura é muito estranha e muito apavorante, isto é, se ela tem muita relação com as coisas que foram anteriormente nocivas ao corpo, isto excita na alma a paixão do medo e, em seguida, a da ousadia, ou então a do temor e a do terror, conforme o diverso temperamento do corpo ou força da alma, e conforme nos tenhamos precedentemente garantido pela defesa ou pela fuga contra as coisas prejudiciais com as quais se relaciona a presente impressão; pois isso dispõe o cérebro de tal modo, em certos homens, que os espíritos refletidos da imagem assim formada na glândula seguem, daí, parte para os nervos que servem para voltar as costas e mexer as pernas para a fuga, e parte para os que alargam ou encolhem de tal modo os orifícios do coração, ou então que agitam de tal maneira as outras partes de onde o sangue lhe é enviado, que este sangue, rarefazendo-se aí de forma diferente da comum, envia espíritos ao cérebro que são próprios para manter abertos ou então abrir de novo os poros do cérebro que os conduzem aos mesmos nervos; pois, pelo simples fato de esses espíritos entrarem nesses poros, excitam um movimento particular nesta glândula, o qual é instituído pela natureza para fazer sentir a alma essa paixão, e como esses poros se relacionam principalmente com os pequenos nervos que servem para apertar ou alargar os orifícios do coração, isso faz com que a alma a sinta principalmente como que no coração” (AT XI, 356-357).
- 17 “Portanto, as paixões são as coisas mais próximas da alma e as vontades são as que são mais próprias à alma. Ora, essas que nos tocam de tão perto, ao ponto de encantar inteiramente a alma e de priva-la momentaneamente da faculdade de resistir a esse movimento da paixão, exerce sobre nós um poder muito maior do que todas as outras coisas do mundo. Não há um sentido melhor de medir desta força que a forma mais íntima onde ela nos toca, corpo e alma confundidos. As vontades não parecem poder mover de forma tão profunda o ser interior da alma. Descartes jamais falou das vontades ou ações da alma como ele fala de suas paixões, a ralação com umas e com outras parecem se estabelecer de forma tão diferente que ou a alma é sujeito livre de sua vontade ou é sujeita a suas paixões” (GUANANCIA, 1998, p. 259).
- 18 “[...] podemos distinguir duas espécies de movimentos excitados pelos espíritos na glândula; uns representam à alma os objetos que movem os sentidos, ou as impressões que se encontram no cérebro e não efetuam qualquer esforço da sobre a vontade; outros efetuam algum esforço sobre ela, a saber, os que causam as paixões ou movimentos dos corpos que as acompanham; e, quanto aos primeiros, embora impeçam amiúde as ações da alma, ou sejam impedidos por ela, todavia, por não serem diretamente contrários, não se verifica neles nenhum combate. Só os observados entre os últimos e as vontades que lhes repugnam; por exemplo, entre o esforço com os espíritos impelem a glândula a causar na alma o desejo de alguma coisa e aquele com que a alma a repele, pela vontade que tem de fugir da

mesma coisa; e o que faz principalmente surgir esse combate é que, não tendo a vontade o poder de excitar diretamente as paixões, como já foi dito, é obrigada a usar o engenho e aplicar-se a considerar sucessivamente diversas coisas, das quais, se acontece que uma tenha a força de modificar por um momento o curso dos espíritos, pode acontecer que a seguinte não a tenha e que os espíritos retomem o curso logo depois, por que a disposição precedente nos nervos, no coração e no sangue não mudou, o que leva a alma a sentir-se impelida quase ao mesmo tempo a desejar e não desejar a mesma coisa; e daí é que se teve ocasião de imaginar nela duas potências que se combatem. Todavia, ainda se pode conceber algum combate, pelo fato de muitas vezes a mesma causa que excita na alma alguma paixão excitar também certos movimentos no corpo para os quais a alma em nada contribui, e os quais detém ou procura deter tão logo os apercebe, como sentimos quando aquilo que excita o medo faz também com que os espíritos entrem nos músculos que servem para mexer as pernas na fuga, e com que sejam sustados pela vontade que temos de ser audazes” (AT XI, 364-365).

## Referências

- ADAN, C.; TANNERY, P. **Oeuvres de Descartes**. Paris: J. Vrin, 1996.
- ALQUIÉ, F. **A filosofia de Descartes**. Tradução Rodrigues Martins. Lisboa: Editorial Presença, 1986.
- BEYSSADE, J-M. **La philosophie première de Descartes**. Paris: Flammarion, 1979.
- BEYSSADE, J-M. **Études sur Descartes**. Paris: Éditions du Seuil, 2001.
- BEYSSADE, M. **Descartes**. Tradução João Gama. Lisboa: Edições 70, 1989.
- BROUGHTON, J; CARRIERO, J. (Orgs.). **Descartes**. Porto Alegre: Penso, 2011.
- CARRIERO, J. O Círculo Cartesiano e o fundamento do conhecimento. In: BROUGHTON, J.; CARRIERO, J. (Orgs.). **Descartes**. Porto Alegre: Penso, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Between Two Worlds. A Reading of Descartes’s Meditations*. New Jersey: Princeton University Press, 2009.
- \_\_\_\_\_. Sensação e conhecimento da existência do corpo nas *Meditações de Descartes*. **Analytica**, v. 13, n. 2, p. 85-111, 2009.

COHEN, B. "Quantum in se est". Newton's concept of inertia in relation to Descartes and Lucretius. **Notes and Records of the Royal Society of London**, v. 19, n. 2, p. 131-155, 1964.

COTTINGHAM, J. (Org.). **Descartes**. Aparecida: Idéias&Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. Dualismo cartesiano. Teologia, metafísica e ciência. In: \_\_\_\_\_. **Aparecida: Idéias&Letras**, 2009.

CURLEY, E. Descartes on the creation of the eternal truths. **The Philosophical Review**, v. 93, n. 4, p. 569-597, 1984.

CUSTÓDIO, M. Causa e transferência de movimento nas interações do Sistema Cartesiano. **Ideação**, n.28, v. 1, p. 13-45, 2013.

DELLA ROCCA, M. "If a body meet a body". A Descartes body-body causation. In: GENNARO, R. J.; HUENEMANN, C. **New essays on the rationalists**. Oxford: Oxford Scholarhip Online, 2002.

FRANKFURT, H. Descartes on the creation of the eternal truths. **The Philosophical Review**, v. 86, n. 1, p. 569-597, 1977.

FREDDOSO, F. Medieval aristotelianism and the case against secondary causation in nature. In: MORRIS, T. (ed.). **Divine and human action**. Essays in the metaphysics of theism. Ithaca: Cornell University Press, 1988.

GABBEY, A. Force and inertia in the Seventeenth Century. Descartes and Newton. In: GAUKROGER, S. (Ed.). **Descartes: Philosophy, mathematics and physics**. Sussex: Harvester Press, 1980.

GARBER, D. Understanding interaction. What Descartes should have told Elisabeth. In: \_\_\_\_\_. **Descartes Embodied**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001a.

\_\_\_\_\_. Descartes and occasionalism. In: \_\_\_\_\_. Cambridge: Cambridge University Press, 2001b.

\_\_\_\_\_. How God causes motion. In: \_\_\_\_\_. Cambridge: Cambridge University Press, 2001c.

GILSON, E. **Discours de la Méthode**. Texte et Commentaire. Paris: Vrin, 1987.

\_\_\_\_\_. **Études sur le rôle de la pensée médiévale dans la formation du système cartésien**. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1930.

GUANANCIA, P. *L'intelligence du sensible*. Paris: Éditions Gallimard, 1998.

GUEROULT, M. The metaphysics and physics of forces in Descartes. In: GAUKROGER, S. (Ed.). **Descartes: Philosophy, mathematics and physics**. Sussex: Harvester Press, 1980.

\_\_\_\_\_. **Descartes Selon L'Ordre des Raisons**. Paris: Aubier, 1968. v. 1, 2.

HATFIELD, G. Animais. In: BROUGHTON, J.; CARRIERO, J. (Org.). **Descartes**. Porto Alegre: Penso, 2011.

\_\_\_\_\_. A fisiologia de Descartes e a relação desta com sua psicologia. In: COTTINGHAM, J. (org.). **Descartes**. Aparecida: Idéias&Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. Force (God) in Descartes physics. **Studies in History of Philosophy of Science**, v. 10, n. 2, p. 113-140, 1979.

HOENEN, P. Descartes' mechanicism. In: WILLIS DONEY (Ed.). **Descartes**. A collection of critical essays. Garden City: Doubleday, 1967.

\_\_\_\_\_. A união e a interação entre mente e corpo. In: BROUGHTON, J.; CARRIERO, J. (Org.). **Descartes**. Porto Alegre: Penso, 2011.

KOYRÉ, A. **Études newtoniennes**. Paris: Gallimard, 1968.

LA FORGE. **Traité de l'esprit de l'homme**. Paris: Presses Universitaires de France, 1974.

MARION, J-L. **Sur l'ontologie grise de Descartes**. Paris: Vrin, 1975.

\_\_\_\_\_. **Sur la théologie blanche de Descartes**. Paris: Presses Universitaires de France, 1991.

MARLEEN, R. O dualismo de Descartes. In: BROUGHTON, J.; CARRIERO, J. (org.). **Descartes**. Porto Alegre: Penso, 2011.

NADLER, S. Descartes and occasional causation. **British Journal for the History of Philosophy**, n. 2, v. 1, p. 35-54, 1994.

PATTERSON, S. Percepção clara e distinta. In: BROUGHTON, J.; CARRIERO, J. (Org.). **Descartes**. Porto Alegre: Penso, 2011.

PLANTINGA, A. **Does God have a nature?** Milwaukee: Marquette University Press, 1980.



PRENDERGAST, T. L. Motion, action, and tendency in Descartes' physics. **Journal of the History of Philosophy**, v. 13, n. 4, p. 453-462, 1975.

RORTY, A. Descartes sobre o pensar com o corpo. In: COTTINGHAM, J. (Org.) **Descartes**. Aparecida: Idéias&Letras, 2009.

ROZEMOND, M. O dualismo de Descartes. In: BROUGHTON, J.; CARRIERO, J. (Org.). **Descartes**. Porto Alegre: Penso, 2011.

SCHMITTER, A. Como fabricar um ser humano: paixões e explicação funcional em Descartes. In: BROUGHTON, J.; CARRIERO, J. (Org.). **Descartes**. Porto Alegre: Penso, 2011.

WALLACE, W. Causes and forces in Sixteenth-Century physics. **Isis**, v. 69, n. 3, p. 400-412, 1978.

WELLS, N. J. "Descartes' uncreated eternal truths. **New Scholasticism**, n. 56, p. 185-199, 1982.

WESTFALL, R. **Force in Newton's physics**. The science of dynamics in Seventeenth Century. New York: Elsevier, 1971.